

A catequese católica: caminhos da secularização ou da abertura?

André Augusto Diniz Lira*
Júlio César Adam**

Resumo

No século XX, muitas mudanças ocorreram na Igreja Católica Apostólica Romana em relação à liturgia, ao entendimento de questões contemporâneas, à evangelização e à catequese. Essas se processaram sob alegações contrapostas nas quais figura a disputa sobre a interpretação legítima da ortodoxia católica. Este artigo apresenta, inicialmente, esses posicionamentos em disputa, vinculando a catequese à secularização ou à abertura da Igreja Católica; considera, a seguir, uma análise mais atual dos limites desse tipo de abordagem da secularização; e, finalmente, debruça-se sobre os três últimos Diretórios para a catequese [*Diretório Catequístico Geral* (1971), *Diretório Geral para a Catequese* (1997), *Diretório para a Catequese* (2020)], procurando, nesses documentos, o movimento de constituição oficial.

Palavras-chave: Catequese; Igreja Católica; Secularização; Diretórios; Campo religioso.

Catholic Catechesis: Paths to Secularization or Opening?

Abstract

In the 20th century, many changes took place in the Roman Catholic Church in relation to the liturgy, the understanding of contemporary issues, the evangelization and the catechesis. These were processed under opposing allegations in which the dispute over the legitimate interpretation of Catholic orthodoxy figures. This article initially presents these disputed positions, linking catechesis to secularization or the opening of the Catholic Church; it then considers a more up-to-date analysis of the limits of this type of approach to secularization; and, finally, it focuses on the last three directories

* Doutor em Educação pela UFRN. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG. Pesquisador Associado ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade- Educação (CIERS-Ed) da Fundação Carlos Chagas. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0001-9398-507X> . E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com .

** Doutor em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha, e professor adjunto de Teologia Prática na Faculdades EST (São Leopoldo/RS). Bolsista de Produtividade do CNPq. Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-8346-1093> . E-mail: julio3@est.edu.br .

for catechesis [General Catechetical Directory (1971), General Directory for Catechesis (1997), Directory for Catechesis (2020)], seeking in these documents for the official constitution movement.

Keywords: Catechesis; Catholic church; Secularization; Directories; Religious field.

Catequesis católica: ¿Caminos de secularización o apertura?

Resumem

En el siglo XX, ocurrieron muchos cambios en la Iglesia Católica Romana en relación con la liturgia, la comprensión de los problemas contemporáneos, la evangelización y la catequesis. Estos fueron procesados bajo alegatos contrapuestos en los que figura la disputa sobre la interpretación legítima de la ortodoxia católica. Este artículo presenta inicialmente estas posiciones en disputa, vinculando la catequesis a la secularización o apertura del Iglesia Católica; luego considera un análisis más actualizado de los límites de este tipo de enfoque de la secularización; y, finalmente, se centra en los tres últimos directorios para la catequesis [Directorio Catequístico General (1971); Directorio General de Catequesis (1997), Directorio de Catequesis (2020)], buscando en estos documentos el movimiento de constitución oficial.

Palabras clave: Catequesis; Iglesia Católica; Secularización; Directorios; Campo religioso.

Introdução

Ao longo do século XX, foram muitas as mudanças ocorridas na Igreja Católica Apostólica Romana (doravante Igreja Católica), que se evidenciaram através de múltiplos encontros, práticas, documentos e análises, que ainda apresentam rebatimentos, inclusive questionamentos e disputas sobre sua efetivação e legitimidade na atualidade. Foram muitos os impactos na liturgia, no entendimento de questões contemporâneas, na evangelização e na catequese (FAZIO, 2022; AMERIO, 2020; FISCHER, HEINZ, 2011). Todas essas mudanças se processaram sob alegações contrapostas nas quais figura a disputa sobre a interpretação legítima da ortodoxia católica, colocada sob duas condições: se a Igreja Católica estaria face a uma abertura para o mundo, visando conquistá-lo, ou se, pelo contrário, não estaria caminhando rumo a uma secularização subserviente aos padrões mundanos.

Para teólogos e historiadores católicos, as origens da secularização, na Igreja Católica, decorreriam do desenvolvimento do protestantismo, do pensamento moderno e do desenvolvimento dos Estados Modernos, que, em conjunto, teriam minado a posição hegemônica do catolicismo. Contudo, esse processo não é apenas decorrente desses fatores externos. No próprio seio da Igreja Católica, emergiram embates acirrados. Este artigo apresenta,

inicialmente, posicionamentos em disputa pela interpretação legítima da catequese, ao longo do século passado, vinculando-a à secularização ou à abertura da Igreja Católica; considera, a seguir, uma análise mais atual dos limites desse tipo de teorização sobre a secularização, para, finalmente, se debruçar sobre os três últimos Diretórios para a catequese, procurando nesses o movimento de constituição oficial da Igreja Católica.

Em um sentido amplo, a catequese pode ser considerada como “[...] um conceito que diz respeito à ação eclesial, que conduz, tanto os indivíduos, quanto as comunidades, à maturidade da fé” (ORLANDO, 2013, p. 162). Os documentos oficiais da Igreja Católica e a maioria dos teólogos católicos enfatizam a centralidade de Cristo, na trindade, para a catequese, de tal modo que é um “processo educativo da fé, da esperança e do amor, que tem como centro Jesus Cristo [...] o fim da catequese é conduzir à comunhão com Jesus Cristo, pois somente ele pode conduzir-nos ao amor do Pai no espírito, e fazer-nos partícipes da vida da Santíssima Trindade” (NERY, 2005, p. 381). Esses elementos, a centralidade de Cristo e o crescimento pessoal na catequese, também demarcam o protestantismo histórico.

O primeiro texto com a função de catecismo cristão foi a *Didaqué*, com uma série de instruções para as comunidades do primeiro século, que frequentemente se reuniam em casas (DIDAQUÉ, 1989). Provavelmente emanou de uma autoria coletiva (STORMIOLO, 2019) e estava assentada na catequese moral dos textos clássicos (PAIVA, 2005). Foi no início do século III que: “fixaram-se as estruturas do catecumenato, como noviciado da vida cristã, segundo a tríplice dimensão de instrução de fé, introdução à oração litúrgica e conversão dos costumes” (PAIVA, 2005, p. 10). O texto de Santo Agostinho *Catechizandis Rudibus*, foi elaborado em resposta a um pedido de Deogratias, um diácono da igreja, que se viu angustiado frente aos desafios do seu trabalho de catequista, em Cartago. Os catequizandos pagãos gostariam de conhecer o cristianismo para depois serem batizados. Esses foram chamados por Agostinho de rudes, pois “careciam dos rudimentos da fé, podendo ser cultos ou não nas ciências profanas” (PAIVA, 2005, p. 13). Demarca-se aqui uma aproximação da catequese com a evangelização, que será retomada no século XX.

Para Agostinho, *A instrução dos catecúmenos* [como foi traduzido para o português, o *Catechizandis Rudibus*] deveria se basear na narrativa, desde a criação até os dias da Igreja. Porém, essa narrativa não deveria ser processada palavra por palavra nem mesmo como uma longa interpretação, mas de um

modo sintético, pinçando “os fatos [bíblicos] mais admiráveis, que se ouvem com maior prazer, para apresentá-los como em pergaminhos, desenrolando-os e explicando-os lentamente: não convém subtraí-los imediatamente à vista e sim oferecê-los ao exame e admiração do espírito dos ouvintes” (AGOSTINHO, 2005, p. 43). Ressalte-se, nessa citação, a necessidade de um acompanhamento de uma explicação textual com vagar que promova a reflexão e a admiração dos ouvintes. Paiva sumariza o contexto das primeiras partes da obra em tela, na qual o foco é o essencial da narrativa bíblica: a salvação, manifestando o desígnio de Deus, para “fundamentar a fé, suscitar a esperança e alimentar o amor” (PAIVA, 2005, p. 17), tendo por base a dimensão prática do cristianismo. Na sua última parte, destaca-se: a necessidade de partir do homem concreto, a adaptação ao auditório e explicita-se seis causas do enfado dos catequistas, apontando-se sugestões para remediar. A abordagem de catequese de Agostinho pode ser considerada uma catequese iniciática.

Séculos depois, na modernidade, com a proliferação dos textos catequéticos com a imprensa, “[...] a mensagem, foi transferida para o texto, para a palavra impressa. Na catequese moderna, o papel do catequista era o de explicar o livro” (ORLANDO, 2013, p. 164). Os Catecismos organizados, sob a forma de perguntas e respostas, viriam a ser uma realidade, apenas no século 16. Isso com a “função de sistematizar a ação catequética pelo ensino, adequando a metodologia utilizada à idade e às circunstâncias em que será aplicado” (ORLANDO, 2013, p. 162), o que levou, posteriormente, a um modelo de catequese escolarizado.

Como se pode observar, nesse rápido panorama, a história da catequese como tantas outras histórias não é linear. Várias abordagens se alternaram ou mesmo conviveram, ao longo dos tempos: catequese moral, catequese iniciática, catequese baseada em textos (catecismo), catequese escolarizada e assim por diante. No tópico seguinte, iremos nos deter mais especificamente no século XX, na disputa em torno da ruptura ou da continuidade da ortodoxia, que se fez mais acirrada no tocante às mudanças decorrentes do Concílio Vaticano II.

A catequese sob o pêndulo da ruptura ou da continuidade

Na crise da catequese reflete-se todo o desvio da Igreja. Reconhecem-se nela o desprezo pela ordem teórica, a incerteza não só doutrinal, mas dogmática, a

exaltação do espírito subjetivo, a dissensão entre os bispos, a discórdia entre os bispos e a Santa Sé, a rejeição das atitudes fundamentais da pedagogia católica, a perspectiva temporal e milenarista, a direção antropológica de toda a obra didática (AMERIO, 2020, p. 299).

Não demorou muito para percebermos um estranho descompasso entre a beleza e a alegria da Boa Nova anunciada e o tédio e o rigorismo da catequese que trazia essa notícia; entre a prática e a teologia catequética; entre os pressupostos do mundo pós-moderno; entre a gramática existencial com a qual a catequese trabalhava e a gramática existencial de homens e mulheres pós-modernos tão distinta da primeira (CARMO, 2016, p. 11).

As duas citações acima representam pontos contrapostos da compreensão da catequese na Igreja Católica no século passado. Uma, representa uma leitura crítica da sua ruína, que, na opinião de Amerio (2020), espelharia a instituição como um todo, naquilo que teria se afastado da tradição. Outra citação parte igualmente de uma disposição crítica, mas procura enxergar no compasso dos tempos as lacunas da própria Igreja Católica no entendimento do curso da história, nos limites da abordagem catequética proposta entre um suposto ideal e a realidade.

Segundo Fazio (2022), o grupo de intelectuais com uma sensibilidade mais tradicionalista considera a modernidade como fundamentalmente anticristã. Desse, um subgrupo mais radical interpreta a queda do Antigo Regime como “uma tragédia irreparável do espírito cristão” (FAZIO, 2022, p. 376), sendo considerados clericalistas e passadistas. Na outra ponta, está o grupo de liberais, predisposto às mudanças, ainda que não tão abertos como se supõe. Estes denunciam os do primeiro grupo, tidos como infiéis em muitos sentidos.

Foi, na segunda metade do século passado, com o Concílio Vaticano II que vieram à tona disputas ainda mais acirradas sobre a interpretação legítima da ortodoxia católica. Para a maioria do clero, esse Concílio representou um movimento de abertura ou de renovação da Igreja Católica frente aos novos desafios. Para um grupo menor, representou um movimento de ruptura com a tradição, que aprofundou crises, corrompendo a história da Igreja Católica. Mattei (2013) afirma que os que interpretam pela “continuidade” do Concílio em relação à tradição anterior se posicionam na posição majoritária e oficial da Igreja Católica. Porém, os que interpretam esse concílio pela chave da “descontinuidade”

defendem que houve uma produção deliberada de fraturas em vários pontos estabelecidos da Igreja Católica. Entre os conhecidos como tradicionalistas, destacam-se Giuseppe Alberigo, Henri Lefebvre e Romano Amerio.

Ainda segundo Mattei (2013), o arcebispo Henri Lefebvre, a partir de 1974, se colocou em conflito direto com a Santa Sé quanto à Missa Nova e às reformas conciliares, tornando-se conhecido como o “chefe” dos tradicionalistas. Lefebvre era um dos representantes de um “vasto e ramificado movimento de resistência, que em alguns casos, desembocou no cisma ou na perda de fé” (MATTEI, 2013, p. 492). O livro de Lefebvre (2013) intitulado *Do Liberalismo à Apostasia: a tragédia conciliar* é, em muitos sentidos, exagerado quanto às interpretações do reinado de Cristo, sendo fundamentalmente clericalista, ao pretender legitimar o poder temporal da Igreja nos governos com uma retórica de retorno, devido à perda de garantias supostamente legítimas da Igreja. Para esse autor, a doutrina e as práticas da Igreja se corromperam em vários sentidos, a partir do Vaticano II, tendo as portas da Igreja Católica sido abertas para todo tipo de desmandos.

Um exemplo, entre tantos outros possíveis, pode ser ilustrativo para se entender o que Mattei (2013) chamou de “caso Lefebvre” ou pelo menos da retórica tradicionalista. A rigor, representantes dos dois grupos podem se utilizar dos mesmos elementos para defender sua posição. O Papa Pio X (1835-1914) publicou a *Carta Encíclica Pascendi Domini Gregis* em 08 de setembro de 1907, na qual se punha contra as “doutrinas modernistas”. Em um movimento de síntese, afirmou sobre os caminhos para a destruição de toda religião: “os protestantes deram o primeiro passo, os modernistas o segundo e pouco falta para o completo ateísmo” (p. 77). Em sua análise do “sistema modernista” se destacam: a filosofia do agnosticismo, a crença baseada na experiência, a teologia simbolista e a apologia racionalista. Entre outros remédios, sublinha: a necessidade dos estudos, a supressão de escritos perigosos, a censura, a proibição de congressos de sacerdotes, a necessidade de vigilância e prestação de contas.

De acordo com Lefebvre (2013, p. 147), a encíclica *Pascendi* conseguiu conter os modernistas por algum tempo, mas “a intelligentsia teológica liberal chegaria às primeiras páginas das revistas especializadas, aos congressos, às grandes editoras e aos centros de pastoral litúrgica, pervertendo dos pés à cabeça a hierarquia católica”. Por outro lado, Fazio (2022), em uma linha mais aberta, considera que essa encíclica foi necessária, no contexto da época, para conter os avanços modernistas. Assim, a secularização poderia

ser compreendida positivamente na perspectiva da afirmação da “autonomia relativa do temporal”, um processo interno da Igreja, que terminou por desembocar na “[...] desclericalização da visão cristã do mundo e tornou possível um diálogo entre a Igreja e a sociedade, diálogo que deve ser cada vez mais incisivo se o desejo é colocar-se a serviço de uma nova evangelização” (p. 466).

Um intelectual fundamental para conhecermos a catequese pelo viés do tradicionalismo é Romano Amerio (2020), que apresentou uma extensa análise de vários temas sobre as mudanças na Igreja Católica, no século XX. Ele assim sumariou sua crítica à catequese: *Na crise da catequese reflete-se todo o desvio da Igreja*. Para esse autor, a Igreja teria como princípio básico a oposição ao mundo:

A Igreja, de fato, proclama a pobreza quando o mundo (e ela mesma) se prosterna ante à riqueza, a mortificação quando o mundo segue os apetites das três concupiscências, a razão quando o mundo se dirige ao ilogicismo e ao sentimentalismo, a fé quando o mundo se extasia ante a ciência (AMERIO, 2020, p. 32-33).

A rigor, o que Amério destaca, na citação acima, é ou deveria ser um norte crítico para a ação crítica da cristandade, ainda que não se tenha tratado aqui dos vários desvios cometidos pela própria Igreja Católica. Seguindo a mesma hermenêutica negativa quanto ao Vaticano II, Amerio (2020) afirma que a Igreja Católica se acomodou ao mundo, negou a crise, interpretou-a positivamente de forma errônea, e ainda, na renovação pretendida, negligenciou que a Igreja estaria centrada na tradição. Ao ter por base a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, Amerio (2020) apresenta um paralelo entre a *nova catequese* e as posições do pontífice, concebendo que divergem em inúmeros pontos¹.

A nova catequese é de cunho existencial e promove a experiência da fé, enquanto o Papa afirma o caráter intelectual da catequese e quer que os catecúmenos sejam penetrados por certezas simples, mas firmes [...] A nova catequese quer a adaptação da fé às culturas particulares, mas o Papa quer que a fé transforme as culturas particulares [...] A nova catequese repudia o

¹ De um ponto de vista amplo, se nos atermos aos posicionamentos de Fazio (2022) elaborados sobre o Papa João Paulo II, observaremos que suas interpretações colocam esse pontífice como um protagonista, sob o signo da modernidade cristã.

princípio de autoridade e, por conseguinte, o método clássico de perguntas e respostas e o exercício da memória, enquanto o Papa insiste que é necessário possuir permanentemente, isto é, na *memória*, as palavras de Cristo, os principais textos bíblicos, as fórmulas da fé, o decálogo, as orações comuns, os textos litúrgicos. A nova catequese é conduzida com um diálogo entre iguais, investigativo, fundado na ausência de verdades específicas, enquanto o Papa rejeita como perigoso esse diálogo [...] A nova catequese propõe-se a guiar o catecúmeno a uma experiência do divino e de Cristo, enquanto o Papa define a catequese como “*institutio doctrinae christianae*”, instrução que visa sempre a fazer conhecer melhor e assentir mais firmemente à verdade divina; não a fazer com que a pessoa se desenvolva e se afirme mais (AMERIO, 2020, p. 298-299).

Amerio (2020) considera que a nova catequese, surgida no seio do episcopado francês, estaria marcada por um estágio metodológico, pelo abandono da pedagogia católica, e por um estágio dogmático, no qual emerge o exame e a escolha subjetivas na linha do luteranismo. Segundo o autor, estaria por isso, negando a Tradição, o Magistério e até a própria Bíblia. Fundamentado, na época, no então cardeal Ratzinger, que viria a se tornar Bento XVI, Amerio lembra que para este a “catequese católica é uma *didática*, isto é uma comunicação da verdade, e seu conteúdo é o dogma da Igreja” (2020, p. 302) e é também: “[...] essencialmente intelectual e se dirige à transmissão do conhecimento, não à experiência existencial e à chamada inserção no mistério de Cristo” (AMERIO, 2020, p. 302)

Convém agora partir para a exposição de um ponto de vista diametralmente oposto, quanto à catequese no século passado. Nesse sentido, Fazio (2022, p. 373) fez uma pergunta norteadora a respeito da secularização quanto aos elementos sociopolíticos e econômicos: quais desses seriam compreendidos como circunstanciais que “poderiam alterar-se sem atraiçoar em nada o depósito da revelação que a Igreja recebeu para guardar fielmente?”. Ao seguir a linha de raciocínio de Guardini e Chesterton, Fazio (2022) assevera que os grandes ideais da modernidade teriam origem cristã e por isso não deveriam ser condenados irrefletidamente. Por outro lado, no outro extremo, teríamos a “modernidade ideológica” que se assentaria na defesa da autonomia absoluta do homem, que desembocou no cientificismo, na mentalidade economicista, em tragédias ecológicas e em genocídios.

A partir desse ponto de vista, Fazio (2022) interpreta a caminhada da Igreja Católica como permeada por múltiplos embates na defesa da fé, tendo

por base o protagonismo dos Papas nessa condução, ressaltando-se, todavia, um trajeto de abertura que foi se delineando. O concílio do Vaticano II merece uma atenção especial, pois tanto afirmou a desclericalização quanto criticou a autonomia absoluta do temporal.

Nery (2005, p. 385) analisou o processo histórico da catequese, no século XX, pelo prisma da continuidade e da progressividade. A sua linha argumentativa coloca como eixo central do século XX, o Concílio Vaticano II, com rebatimentos inclusive no século XXI, pelo menos do ponto de vista da criação de documentos parametrizadores. Assevera que as mudanças na catequese, de fato, vinham se processando desde o início do século. Isso se deu, por exemplo, com a importância dada pelo Papa Pio X para catequese infantil, com o Papa Pio XI o foco se centrou na adolescência e na formação dos leigos, com a Escola Ativa se repensou a catequese do ponto de vista pedagógico. Nos anos 40 e 50, uma perspectiva mais evangelizadora que doutrinária se desenvolveu a partir da teologia querigmática. E nos anos 50 e 60 as Semanas Internacionais de Catequese foram fundamentais para o movimento catequético internacional. A maioria dos documentos produzidos sobre a catequese pela Igreja Católica foi escrito após o Vaticano II, animados por seu espírito renovador. Contudo, Nery (2005, p. 285) ressalta que “[...] continuamos sendo uma Igreja doutora em produzir excelentes documentos, porém, ao mesmo tempo, doutora em engavetá-los e em esperar que venha logo um outro”.

No Brasil, um dos trabalhos mais amplos sobre a catequese foi a tese de doutorado de Carmo (2016), publicada sob a forma de livro, tendo por fundamento teórico a noção de paradigma de Tomas Kuhn e as discussões elaboradas por Denis Villepet, teólogo francês, com uma vasta produção sobre a catequese. Na revisão de literatura produzida, Carmo (2016) pontua vários catequistas e teólogos, encontros, movimentos de renovação e documentos da Igreja Católica, que, no todo, fizeram nascer paradigmas alternativos ao tradicional.

A partir de uma abordagem sintetizadora, a autora apresenta vários quadros que procuram esboçar a complexidade de três paradigmas catequéticos. O primeiro paradigma corresponderia à catequese tradicional, que teria a abordagem teoderivada como tipo de teologia; o tipo de Igreja correspondente à imagem do corpo de Cristo; o tipo de sociedade, a tradicional; o tipo de indivíduo, o parceiro; e o tipo de pedagogia, a do ensino. Já o segundo paradigma corresponderia à renovação catequética

com um tipo de teologia cristoderivada; o tipo de igreja correspondente à imagem de Povo de Deus; o tipo de sociedade, a evolutiva; o tipo de indivíduo, o ator social; e o tipo de pedagogia, a da aprendizagem. Já o terceiro paradigma corresponderia à proposta de Villepelet; o tipo de teologia seria pneumoderivada; a imagem da Igreja seria a do templo do Espírito; a sociedade seria a complexa, o tipo de indivíduo seria a do sujeito e o tipo de pedagogia seria a da iniciação. Ainda mais complexa é sua discussão sobre o caminho catequético, nesses três paradigmas, que qualquer explicitação fugiria ao escopo desse trabalho.

O foco da autora é o terceiro paradigma de onde retira várias implicações para e também limitações para o fazer catequético. De todo modo, percebe-se uma leitura muito mais afirmativa dos parâmetros multirreferenciais da pós-modernidade em relação a outros autores, com amplo destaque para uma catequese não sacramental, permanente (de toda a vida), querigmática, iniciática, voltada para a interioridade, aberta e que ainda recupera a necessidade de ser realizada *com* adultos. A leitura que Carmo (2016) propôs para os paradigmas da catequese é uma fonte para o debate em torno da historicidade dos modelos que se perfilaram e ainda convivem nas práticas da Igreja Católica, de aspectos que se firmaram, de aspectos que se quer afirmar, forjar, direcionar.

Quanto aos posicionamentos a respeito da catequese, certamente a perspectiva construída por Carmo (2016) é a que mais se distancia das discussões supracitadas, uma vez que procura enxergar, na pós-modernidade, os aspectos positivos que desafiam e que podem ser úteis para o fazer catequético, ainda que a maioria dos autores conceba a existência de um aprofundamento da secularização na pós-modernidade. A discussão sobre uma catequese pneumoderivada nos parece divergir da posição histórica da Igreja Católica sobre a cristocentricidade da catequese.

Secularização por outros vieses interpretativos

Para Zepeda (2010, p. 72), a secularização pode ser entendida, de um ponto de vista amplo, como “um conjunto de mudanças pelo qual a religião perde sua relevância social, ideológica e institucional”. Nos primórdios da sociologia, as interpretações do deslocamento da religião do centro para a periferia, o progresso da mentalidade científica e o declínio dos símbolos ligados às instituições religiosas, na Europa, convergiam para uma interpretação utópica do *desaparecimento inevitável da religião*. As releituras

que têm sido realizadas sobre a secularização propiciaram uma melhor compreensão da complexidade do fenômeno, em uma desconstrução da tese dura ou forte da secularização a favor de uma tese suave, sendo Peter Berger (2021) e Thomas Luckman (2014) autores fundamentais, desde a década de 1970, no sentido de pôr em relevo o pluralismo religioso, a dimensão privada e a capacidade de mudança da religiosidade (cf. ZEPEDA, 2010).

Moniz (2017) considera que as leituras realizadas da secularização seriam múltiplas compreendendo, grosso modo, a relação entre a modernização e a religião, mas se acentuando os aspectos macrossociais e teóricos. Esse autor propõe, em contrapartida, uma abordagem que leve em consideração múltiplas camadas de análise, mais empíricas e comparativas. Do ponto de vista histórico, muitos trabalhos sobre a secularização teriam se desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial e nos inícios da década de 1960. Em nosso meio, conforme Pierucci (2004, p. 14) a origem da sociologia da religião “nas décadas de 1950 e 1960, praticada no Brasil sempre foi de uma sociologia do catolicismo em declínio”, mesmo na América Latina, ao se estudar outra religião em ascensão, a referência sempre foi em contraposição ao catolicismo. Nesse sentido, a secularização significou por muito tempo o declínio do catolicismo.

Segundo Moniz (2017), as teorias da secularização gravitariam em torno de algumas abordagens amplas. A teoria da diferenciação funcional, de matriz Durkheimiana, desdobrou-se em três posições não estanques a de declínio, a de privatização e a de transformação. Outras perspectivas estariam fundamentadas na tese da Racionalização, na linha Weberiana, ancorada em uma cosmovisão racional, nos padrões empíricos de prova [inclusive aqui teria tido muita força o próprio protestantismo histórico ao procurar provar seus argumentos por meio de análises textuais], o desenvolvimento do conhecimento científico e o domínio tecnológico, o que teria paulatinamente enfraquecido a crença no domínio do sobrenatural. Outra abordagem clássica das teorias da secularização estaria baseada no declínio da vida comunitária e no desenvolvimento da societalização, compreendida como uma escala maior de organização em escala global, incluindo de plausibilidade do sistema moral e religioso. Em uma outra perspectiva, a secularização adviria da segurança existencial crescente advinda do processo de modernização e redução das ameaças de sobrevivência. Finalmente, uma última abordagem apresentada por Moniz (2017) baseia-se em Steve Bruce e leva em consideração os pressupostos das abordagens anteriores,

combinando operacionalmente, na análise, os fatores do individualismo, da diversidade e do igualitarismo. Aqui se pode verificar a influência de Marx quanto à diferenciação social bem como de Berger quanto à pluralização das cosmovisões individuais.

Moniz (2017) ao revisar as abordagens da individualização, como o fez com as da secularização, amplia o quadro analítico, fazendo-nos enxergar tanto os limites destas quanto a necessidade de uma abordagem que leve em conta os múltiplos aspectos dos fenômenos comparativamente. Entre outros pontos, destacamos alguns dos elementos que apresentou de um esquema em paralelo. Do ponto de partida sociológico, a secularização se basearia na Estrutura e a Individualização teria como foco a agência. A explicação da primeira seria macrossociológica e da segunda microssociológica. A secularização teria como hipótese principal que a religião perderia sua relevância social na interpretação do mundo, enquanto a individualização a “religião institucional perde relevância social, mas a religiosidade individual mantém relevância estável” (MONIZ, 2017, p. 28). E quanto à relação modernização-religião, a secularização é tida como problemática e negativa por seus efeitos na religião, enquanto na individualização esses efeitos são compatíveis em uma tendência positiva.

Ao fazer uma análise da perspectiva de Moniz (2017) é necessário levar em consideração a combinação de múltiplos níveis de análise pela perspectiva da complexidade dos fenômenos, o que implica não dicotomizar os elementos, mas vê-los em sua dinamicidade e na perspectiva de uma grelha possível de análise, no qual os dados empíricos podem ser mais bem vislumbrados.

Um dos trabalhos mais fecundos a respeito do tema em tela é a obra de Charles Taylor (2007) intitulada *A Secular Age*, uma obra magna de mais de quase 900 páginas. Taylor prefere usar o termo secularidade e apresenta uma abordagem inovadora que procura se desviar de abordagens dicotômicas de *crenças x descrenças*, a favor de uma leitura que considera as crenças, as diferentes experiências, as sensibilidades e os sentidos da vida, que implicam em devoções, em *liturgias* seculares, afetos direcionados não necessariamente aos objetos transcendentais da religião. Nesse sentido, as leituras de James K. A. Smith (2018, 2021) desse autor, no mundo evangélico, têm sido produtivas ao reler, inclusive as tradições cristãs reformadas, de um modo crítico, pondo em questionamento a cosmovisão iluminista ou racionalista que permeiam também esses círculos.

Outro autor pouco utilizado na discussão da temática em tela, mas que traz uma contribuição à compreensão dessa complexidade, é Serge Moscovici

(2013), notadamente com o seu conceito de *polifasia cognitiva* na Teoria das Representações Sociais. Ele observa a existência de diferentes modos de interpretação, podendo até mesmo serem contraditórios, em determinados grupos sociais a respeito de objetos do mundo social. As representações sociais, diga-se de passagem, implicam também em práticas sociais, espelhando ainda a identidade dos sujeitos interpretantes. Ao sermos entrecortados por diversas representações sociais e nos identificarmos com diversos grupos, podemos como sujeitos sociais agenciar aspectos não necessariamente coerentes, posto que são moldadas no senso comum e nas exigências da vida cotidiana (cf. JOVCHELOVITH, 2008).

Um livro publicado a partir de um diálogo em 2004 entre Jürgen Habermas e Joseph Ratzinger, então cardeal, é emblemático sobre a possibilidade de discussão entre essas figuras tão importantes em seus respectivos campos, o científico e o teológico. É importante observar a aproximação de Habermas dos valores das tradições religiosas, inclusive para se contrapor a uma pós-modernidade sem direcionamentos morais, e a defesa de Ratzinger no sentido de cancelar a criticidade da razão contra os fanatismos, ao mesmo tempo em que reconhece também a limitação da racionalidade ao interpretar o mundo, sem referência à transcendência. Entretanto, o que nos chama mais atenção nesse diálogo é que Ratzinger, em nenhum momento desse texto, lança mão de passagens bíblicas, como era de se esperar por parte de um seguidor de Cristo. Estaria aqui entranhada a secularidade no representante máximo da Igreja Católica? Sem a pretensão de polemizar, o que destacamos aqui é que a secularidade pode se manifestar presente no próprio pensamento religioso. Isso foi bem evidenciado mais recentemente por Smith (2018, 2021).

Os Diretórios para a Catequese: fechamento ou abertura?

Os diretórios para a Catequese produzidos pela Igreja Católica podem ser compreendidos como uma síntese do pensamento coletivo legitimado institucionalmente, sendo esses textos discursos constituintes ou fundantes. Maingueneau (2000) advogou que esses discursos apresentam condições de emergência, de funcionamento e de circulação particulares em um determinado domínio específico da produção verbal, neste caso, no campo religioso, atribuindo sentido aos atos de uma coletividade.

Analisamos o Diretório Catequístico Geral (DCG, 1971), o Diretório Geral para a Catequese (DGC, 1997) e o Diretório para a Catequese (DC,

2020), que referendam em uníssono o Concílio Vaticano II, evocando-o como o eixo articulador geral, sendo-lhes dele um desdobramento, em uma linha de continuidade. Esses Diretórios, bem como outros documentos, inclusive de autoria papal, autolegitimam-se *em rede* ao citar uns aos outros e reafirmar constantemente uma linha de progressividade na Igreja Católica. Além desses diretórios, temos os de origem nacional que têm sido estimulados no intuito de contextualizar melhor as demandas da Igreja Católica às realidades locais. Nosso intuito aqui é considerar apenas aqueles documentos emanados de Roma.

Ainda que se reconheçam as dificuldades no tocante à evangelização, à catequese e à formação da identidade cristã, as análises por esses Diretórios realizadas são focadas nos diferentes contextos histórico-sociais, nos sujeitos em suas diferentes idades, culturas e condições de vida, nos desafios de um mundo progressivamente plural, midiático, em rede e digital. Isso em um arco de mais de 50 anos. As lacunas, portanto, não emanam do Concílio do Vaticano II, mas da própria dinâmica da realidade social e dos sujeitos nela inseridos. As soluções que foram sendo construídas delinearam-se para uma série de direcionamentos que pretenderam modificar a feição da catequese.

Desde o Diretório Catequístico Geral (1971), podemos observar que as ciências humanas são frequentemente evocadas. Ao longo desse texto, será referendado o trabalho de especialistas não diretamente vinculados à teologia, seja como uma necessidade de contribuição para o avanço da catequese [notadamente da Pedagogia e da Psicologia, em vários âmbitos do fazer didático e da compreensão dos seres humanos por parte dos catequistas] seja na necessidade de convocar profissionais consultores para trabalhos específicos. Nas doze ocorrências da expressão *ciências humanas* destacam-se as ciências antropológicas, que, em algumas ocorrências, são expressões sinônimas. A Psicologia é citada oito vezes e a didática sete vezes. A formação do catequista deve se assentar no caráter doutrinal, nas ciências humanas e na formação metodológica. A palavra método se evidencia vinte e uma vezes ao longo desse documento. No contexto do Diretório Catequístico Geral (1971) a referência epistemológica se direciona, portanto, para a multidisciplinaridade na educação:

Neste século, os catequistas têm aprofundado os problemas metodológicos apresentados pelas ciências psicológicas, didáticas e pedagógicas. Pois, na verdade, tem sido compreendido o estudo do método da lição do catecismo; foi especificado o papel dos métodos ativos na catequese; o ato catequético foi analisado segundo as leis da aprendizagem (experiência, imaginação, memória, inteligência); uma metodologia diferencial foi elaborada de acordo com as

idades, os ambientes sociais, o grau de desenvolvimento psíquico do sujeito (tradução livre do espanhol, *Directorio Catequístico General*, 1971, artigo 70).

Há uma confluência de várias abordagens psicológicas até mesmo contrapostas como: o *humanismo*, ao colocar como preponderância da pessoa do catequista (experiência cristã, caráter, testemunho, moral) acima dos métodos; *construtivismo*, ao pôr em relevo a experiência, a atividade e a autonomia dos aprendentes-catequizandos, e, como um ponto fora da curva, até o *behaviorismo* é evocado, ao tratar do ensino programado como uma das vias possíveis para se utilizar como material didático, destacando-se a necessidade de planejamento e programação como antídotos contra a improvisação. O discurso do DCG (1971) é interdito por várias confluências que se perfilarão na época dos saberes psicológicos. Influências, diga-se de passagem, de correntes psicológicas concorrentes.

Nos diretórios posteriores, irá ser reforçada progressivamente a ideia de uma pedagogia do caminho, do encontro e da experiência, na perspectiva de uma pedagogia iniciática da fé, no qual se destaca o modelo do catequista como um exemplo a ser seguido. Toda essa retórica pedagógica vai acompanhando a discussão paralela do campo educacional com a renovação da didática para o século XXI. Nesse conjunto, destaca-se a retórica dos textos provenientes da UNESCO na linha do “relatório de Delors” (DELORS, [1996], 2012) com os pilares da educação [aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e o aprender a ser]; também encontrada no livro *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro* de Edgard Morin (2000).

Em outro direcionamento, a discussão sobre a necessidade de se levar em conta as experiências dos catequizandos ocorre junto à discussão que vem sendo trilhada, entre outros “lugares”: na epistemologia das ciências humanas, na formação docente, na psicanálise e na psicologia, incluindo o resgate da subjetividade e das histórias de vida (cf. SANTOS, 2002; JOSSO, 2004; LINS, LUZ, 1998). Estará cumulativamente presente nos diretórios também a discussão sobre diferentes catequeses para todas as idades e sobre grupos de pessoas em condições especiais, o que irá se desdobrando na literatura de formação para a catequese, sob as denominações de psicopedagogia catequética e catequese inclusiva (CALANDRO, LEDO, BARBOSA, 2011, 2022; CALANDRO, LEDO, 2021; SANTOS, 2013).

Do ponto de vista da hermenêutica tradicionalista, essa abertura aos métodos das ciências representa um erro, pois o que se deve seguir

é a Pedagogia Católica. Contudo, nos diretórios essa abertura se dá tanto no sentido de que o catequista conheça as ciências humanas e as ciências do ensino [e por decorrência os sujeitos aprendentes] quanto da utilização específica de especialistas em determinadas áreas, o que sugere uma maior participação dos leigos na Igreja Católica na contemporaneidade. Vale salientar ainda que, na tradição cristã, historicamente pode-se verificar a existência de várias pedagogias e não apenas uma única. Isso, por outro lado, não deve desprezar a necessidade de exposição ou proclamação das verdades bíblicas.

Um outro ponto importante no *corpus* analisado é a utilização do conceito de identidade. Se o DCG (1971) utilizou apenas uma única vez o termo, o *Diretório Geral para a Catequese* (1997), publicado mais de 25 anos depois, irá utilizá-lo fartamente: identidade cultural (dos povos, do homem contemporâneo), identidade da igreja, identidade da catequese, identidade do catequista, identidade cristã, identidade missionária, identidade de grupos específicos (etários, indivíduos especiais) e identidade de gênero. No *Diretório para a Catequese* (2020), o conceito de identidade figurará mais ainda, pois estará presente em dois capítulos cruciais sobre a Identidade da Catequese (capítulo 2) e sobre O Catequista (capítulo 3).

O conceito de identidade e a expressão pautas identitárias têm sido progressiva e fartamente utilizados nas ciências humanas e na vida social ao longo do século passado (IZENBERG, 2016). Nos Diretórios em tela, o uso do conceito identidade se dá no contexto da afirmação do pertencimento ao catolicismo, mas também se abre para o diálogo na perspectiva multicultural. As identidades são conceptualizadas em uma perspectiva positiva, mas podem se *perder* ou se *corroer*, considerando processos culturais amplos de massificação, de anonimato, de violações dos direitos.

Se, por um lado, há uma evolução ao se levar em conta as especificidades dos grupos que aderem à catequese, por outro lado, essa abertura significa um desafio maior para o diálogo com grupos que se opõem ao catolicismo, inclusive que são responsáveis pelo declínio numérico da membresia da Igreja Católica, e ainda por aqueles que têm reivindicado por pautas contrárias à tradição cristã. É nesse sentido que se fez advogar, ao longo desses decênios, a importância da formação do catequista. No último *Diretório para a Catequese* (2020), defende-se o papel de grupos de catequistas.

Como um desaguadouro de discussões no seio da Igreja Católica, o Papa Francisco na Carta Apostólica intitulada *Antiquum Ministerium* (2021)

instituiu o *ministério* do catequista, que compreendemos como um movimento de legitimação do lugar crescente do leigo na catequese. Ele menciona nessa carta uma *renovada consciência da catequese* a partir do laicato na evangelização, que foi se tecendo desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, tratando-se de um movimento que vinha sendo progressivamente reconhecido pelo clero. Nas palavras do Papa Francisco: “O Catequista é simultaneamente testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja” (2021, p. 04). Sublinhamos que essa legitimação do ministério de catequista deve ser compreendida no contexto de uma perda progressiva de adeptos, sobretudo para as igrejas cristãs pentecostais e neopentecostais. Isso nos leva às considerações finais desse texto.

Considerações finais

A secularização da Igreja Católica tem se constituído em um desafio histórico e por muito tempo foi compreendida pela lógica do declínio (PIERUCCI, 2004). Na nossa primeira abordagem do tema, enfatizamos as disputas em torno da hermenêutica da continuidade ou da descontinuidade. Posteriormente, vimos que o conceito de secularização em uma perspectiva macrossocial não dá conta das singularidades e dos percalços encontrados no caminho, sendo melhor tratá-la cotejando-a com outros conceitos, como o de individualização, ou mesmo compreendendo-a como secularidade (TAYLOR, 2007), na qual se entrecruzam crenças, práticas e institucionalizações de matrizes contrárias à fé cristã, no caso em tela, na Igreja Católica.

Seguindo Smith (2018), as “liturgias seculares” estão no seio da cristandade, compreendendo-as como investimentos mentais, mobilização de afetos e metas direcionadas para determinadas causas, que atingem de fundo o coração. As cosmovisões da modernidade se instalaram nos modos de ser e agir dos cristãos, muitas vezes de modo imperceptível.

Ao nos ater aos Diretórios para a Catequese, em um arco de cinquenta anos, podemos perceber que algumas noções como o multiculturalismo e o relativismo ainda são desafios para a Igreja Católica que se pretende aberta na promoção do diálogo, mas que não consegue, nessa tarefa, equacionar a perda crescente de sua membresia. O que podemos observar ainda é a tentativa dupla de reler os contextos desafiadores e de reverter a perda da identidade católica, pela via do reconhecimento da necessidade de mudanças, na linha do Vaticano II, aproximando-se dos fiéis, fazendo-se mais inteligível nas práticas educativas.

As mudanças que se processaram na Igreja Católica, no século XX, as perguntas que se fizeram, as respostas dadas e as ações tomadas ocorreram juntamente com as mudanças sociais. Seria a catequese uma chave para a mudança? O que se coloca para o catequista no sentido de evangelização, de acompanhamento, de introdução do mistério (mistagogia) parece refletir o tamanho da crise, colocada agora como uma tarefa para os denominados leigos. Talvez seja necessário além disso.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **Instrução dos Catecúmenos**: teoria a prática. 2 ed. (tradução Maria da Glória Novak). Petrópolis: Vozes, 2005.

AMERIO, Romano. **Iota Unum**: um estudo das mudanças na Igreja Católica no Século XX. Rio de Janeiro: Permanência, 2020.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2021.

BINGEMER, Maria Clara; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. (Orgs.) **Secularização**: novos desafios. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Reflexão, 2016.

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles; BARBOSA, Rozeangela G. **Psicopedagogia catequética**: reflexões e vivências para uma catequese inclusiva: pessoa com deficiência. São Paulo: Paulus, 2022. (Catequese conforme as idades, vol. 5).

CALANDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles. **Psicopedagogia catequética**: reflexões e vivências para uma catequese conforme as idades: adultos. São Paulo: Paulus, 2011. (Catequese conforme as idades, vol. 3).

CALANDRO, Eduardo.; LEDO, Jordélio Siles. **Psicopedagogia catequética**: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades: adolescentes e jovens. São Paulo: Paulus, 2021. (Catequese conforme as idades, vol. 2);

CARMO, Solange Maria do. **Catequese no Mundo Atual**: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese. São Paulo: Paulus, 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese** (1997). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/clergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html. Acesso em 28 de out. 2022.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese** (Palavra e Vida). São Paulo: Paulinas, 2020.

DELORS, Jacques. (Coord.) **Educação**: um tesouro a descobrir. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 1989.

DIRECTORIO CATEQUÍSTICO GENERAL (1971). Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_11041971_dcg_sp.html. Acesso em 29 de set. 2021.

FAZIO, Mariano. **História das Ideias Contemporâneas:** uma leitura do processo de secularização. São Paulo: Quadrante, 2022.

FISCHER, Balthasar.; HEINZ, Andreas. Culto no contexto católico romano. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph; MEYER-BLANCK, Michel; BIERITZ, Karl-Heinrich. (Eds.) **Manual de Ciência Litúrgica.** São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos Litúrgicos da Faculdades EST, 2011, p. 201-219. (volume 1).

FRANCISCO. Papa. **Carta apostólica sob forma de «motu proprio» Antiquum Ministerium** (2021). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html. Acesso em abr. de 2022.

HABERMAS, Jürgen.; RATZINGER, Joseph. **Dialética da Secularização:** sobre razão e religião. Aparecida: Ideias e Letras, 2007.

IZENBERG, Gerald. **Identity:** The Necessity of a Modern Idea: intellectual history of the modern age. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os Contextos do Saber:** representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEFEBVRE, Marcel. **Do Liberalismo à apostasia:** a tragédia conciliar. Niterói: Permanência, 2013.

LINS, Maria Ivone Accioly.; LUZ, Rogério. D. W. **Winnicott:** experiência clínica e experiência estética. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

LUCKMANN, Thomas. **A religião invisível.** São Paulo: Loyola, 2014.

MAINGENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. In: **Revista do GELNE**, n. 2, v. 2, 2000.

MATTEI, Roberto de. **O Concílio do Vaticano II:** uma história nunca escrita. São Paulo: Ambiente & Costumes, 2013.

MONIZ, Jorge Botelho. As Teorias da secularização e da individualização em análise comparada. In: **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 3-33, mai-ago, 2017. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6959>. Acesso em jan. 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2013.

NERY, Israel José. Panorama da Catequese nos 40 anos do Concílio Vaticano II. In: **Perspectiva Teológica**, 37, 381-397, 2005. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/379/719>. Acesso em 24 de dez. 2022.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Os Manuais de Catecismo nas Trilhas da Educação: notas de história. In: **História da Educação** (online). Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 159-176, set./dez., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/MhsL6HDJ8YJ4dyv4hGDTpLc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 25 de set. 2022.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de.; MARTINO, Luís Mauro Sá. (Orgs.) **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 13 -21.

PIO X, Papa. **Carta Encíclica Pascendi Domini Gregis: sobre as doutrinas modernistas**. 4 ed. São Caetano do Sul/SP: Santa Cruz, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Thais R. dos. **Catequese inclusiva: da acolhida na comunidade à vivência da fé**. São Paulo: Paulinas, 2013.

SMITH, James K. A. **Como (não) ser secular: lendo Charles Taylor**. Brasília: Monergismo, 2021.

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

STORMIOLO, Ivo. Apresentação. In: **Didaqué: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. São Paulo: Paulus, 1989.

TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Cambridge, Massachusetts, and London: Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a secularização. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 73, p. 129-173, jun., 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000200008>. Acesso em dez. 2022.

Submetido em: 31-1-2023

Aceito em: 8-3-2023